GUSTAVO BARROSO

LUÍS SUCUPIRA

A Terra do Sol abre, neste momento, o seio amoroso para receber definitivamente o filho bom, o filho digno, o filho amante e fiel, que soube tão exuberantemente cantá-la, representá-la, estremecê-la e exaltá-la.

Por isso esta cerimônia, em vez de escandir ecos dolentes de um cantochão, assume aspecto de uma apoteose, na vibração de um acontecimento ímpar, em que o carpimento é substituído pelos hosanas, apenas destinados aos heróis e aos santos.

Cearense como todos nós aqui nascidos, foi Gustavo Barroso mais cearense do que todos nós, porque, alcandorando-se a culminâncias vertiginosas na esfera do pensamento, viu melhor a sua terra e a sua gente e teve olhos e voz e meios para fazê-la mais conhecida e mais apreciada, tornando-se, por sua vez, o homem representativo da sua raça, que, desde o berço, traz a predestinação das grandes evasões, as quais, no entanto, ao invés de representarem derrotas, são, antes, motivo para espetaculares triunfos nos vastos e inesgotáveis campos das atividades humanas.

Como acontece na existência dos grandes homens, a vida de Gustavo Barroso foi uma escada cheia de degraus. Desde os passos inquietos de uma adolescência turbulenta até o fastígio fulgurante da imortalidade acadêmica, êle jamais palmilhou as veredas tortuosas da mediocridade. Pelo contrário, sempre despertou admiração, quer pelo físico impressionantemente belo, quer pelo talento exuberantemente pródigo. Sua estréia literária, aos 24 anos, é uma vitória fulgente e tôda a sua carreira, política, social, diplomática, é uma ascensão espetacular, na qual o homem resplendia na afirmação de uma personalidade robusta que queria e alcançava desdobrar-se numa multiplicidade de expressões e de formas as mais variadas e retumbantes.

Mas o que distinguia Gustavo Barroso nesse turbilhão de vantagens e de êxitos, de vitórias e de lauréis, de glórias e de esplendor, era o acirrado, arraigado, profundo, imenso amor pelo Ceará. Seu primeiro livro assinala apenas o começo da manifestação dêsse culto que havia de penetrar todos os seus pensamentos e amalgamar tôdas as suas vivências. Para êle o Ceará não era apenas a terra do seu berço, era o cerne, era o lenho da sua constituição física, mental, moral e afetiva, A paixão pelas coisas cearenses, pela gente cearense, pela alma cearense intumescia-lhe as veias, penetrava nos seus ossos, vibrava nas suas idéias, cantava nas suas recorda-

ções, gritava nos seus impulsos bairristas e explodia em têrmos de saudade, de esperança e de amor, nas suas conversas tão cheias de encantamento, em que não se sabia o que mais admirar, se a fluência da palavra, se a leveza da frase, se o enlêvo do assunto.

Por isso é que esta solenidade não representa manifestação de pesar diante de um ataúde, mas uma afirmaão vibrante de generosa e exaltada e efusiva gratidão, de reconhecimento, de justo e merecido e necessário agradecimento da alma coletiva de um povo que vem demonstrar perante o mundo que não esquece os seus heróis nem deixa no olvido aquêles que, engrandecendo o nome da terra-mãe, se transformaram em arquétipos da sua gente.

Engenho enciclopédico, Gustavo Barroso tudo conquistou na sua maravilhosa trajetória pelos ingentes caminhos da glória. Foi tudo o que desejou ser na vasta liça das justas da inteligência, do saber e do coração. Conheceu e viveu dias de esplendidez e de felicidade. Graças ao esfôrço próprio, alcançou triunfos diplomáticos e conquistas literárias. Escafandrista da História Pátria, exumou dos arquivos empoeirados episódios os mais vibrantes, aspectos épicos ou sentimentais dos nossos evos, façanhas mavórticas ou narrativas líricas, e, assinalando com um sentido eminentemente patriótico sua passagem pelo Poder Legislativo, restaurou na sua pompa e nos seus fins os Dragões da Independência, que volveram a funcionar como tropa de elite e de exibição vistosa na ordem militar. Dedicado de corpo e alma ao engrandecimento da Pátria, pelo culto do passado, fonte dos mais belos ensinamentos de heroísmo e de sacrifícios, organizou, dirigiu e celebrizou o Museu Histórico Nacional, que é, hoje, não apenas um maravilhoso patrimônio do povo brasileiro, mas, sobretudo, um imenso e prodigioso livro aberto para quantos desejem e pretendam pelo exemplo dos ilustres antepassados, formar e fortificar o verdadeiro amor pelo Brasil.

Antes de ser a sua figura varonil fixada no bronze para a perpetuação do seu nome na memória das gerações porvindouras, já lhe garantiam fama e imortalidade as imperecíveis revelações de um espírito de escol, que fizera das letras a escalada gloriosa para os ascendimentos ao infinito.

De hoje por diante, essa estátua não representará apenas o aspecto exterior de um corpo ceifado pela morte. Ela significará também o escrínio majestoso dos resquícios de quem soube, elevando-se aos esplendores da nobreza espiritual, elevar igualmente a notoriedade invejável e a reputação insigne de uma raça de titãs.

E o sol e a chuva e o vento nos dias de inverno ou nos tempos de calor farão vibrar no íntimo dêsse monumento os ossos que, agora, aí repousam silenciosos, porque afinal encontraram o leito em que sempre aspiraram a jazer por tôda a eternidade.

E o espírito que animou êsses despojos venerandos continuará

como que mais de perto acompanhando o interminável ciclo da natureza nordestina, em sua sucessão de invernos e de sêcas, que êle tão bem descreveu, cantou, viveu e sofreu.

A terra amada vai-se transformar em terra amante, e, depois de exaltada pelo filho querido, irá embalá-lo nos seus braços amoráveis, para que êle durma na placidez de um jazigo todo especial o sono pompeante da imortalidade.

O peregrino do ideal, que correu mundos e conquistou espaços, na ânsia de ver e de viver, de sentir e de sonhar, retorna ao lugar de onde partiu, o que era, afinal, seu desejo mais ardente, sua aspiração mais acarinhada.

Restos mortais de Gustavo Barroso: esta recepção nada envolve de lamentosa e pouco tem de lacrimosa, porque não é à morte que abrimos as lajes de um sepulcro mas é a um herói que fazemos penetrar os umbrais de um Panteon.

Não estamos carpindo um corpo exangue, que a terra alheia já se incumbiu de tornar pó. Estamos exaltando e reverenciando uma inteligência, uma memória, uma vida que venceram a morte e que se sobrepuseram ao tempo.

Em vez de um sepultamento, estamos assistindo a uma transfiguração. E, por isso, em lugar de nênias, que suscitam lágrimas, entoamos hinos a que só fazem jus triunfadores.

A pedra que vai zelar o refúgio dêsses ossos ilustres não representa a porta dos olvidos perenes, mas uma clareira aberta para o infinito. E, à luz das estrêlas dêste céu único de pureza, de beleza e de serenidade, que é o céu do Ceará, como sob uma bela de coruscantes pedrarias, repousará feliz, no aconchego dos seus irmãos, êste irmão mais velho, que tão bem compreendeu a sua gente, que tão fundamente amou a sua terra e que tão brilhantemente a imortalizou na sua obra.

Esta cerimônia não é um fim de viagem. É o comêço de uma epopéia. De agora por diante os que para aqui olharem, os que por aqui passarem, os que aqui pararem saberão que há debaixo desta figura que o bronze tão fielmente retratou algo mais do que a pedra fria, do que o metal severo. No plinto dêste monumento agora transformado em relicário, descansam restos sagrados que aqui foram depositados para receberem o culto devido aos grandes homens.

E o grande homem que aqui descansa, deixando de ser o peregrino dos continentes para transformar-se no peregrino do eterno, no peregrino que procurou a Cidade de Deus, no peregrino sem remorsos, sem pecados, sem fadiga, continuará espargindo, através dos livros que deixou, das obras que escreveu, dos trabalhos que realizou, a fôrça do seu talento, a grandeza dos seus pensamentos e a beleza dos seus ideais.

Gustavo Barroso: O Ceará não te esquecerá. Pelo contrário, para te ter mais presente quis que, até o dia do Juízo Final, ficasses entre cearenses, com o que restou de teu corpo, com o que representa a tua imagem e com o que realizou o teu espírito.

Esta manifestação não é o ressarcimento de uma dívida, porque são incalculáveis, imponderáveis, inapreciáveis as obras da inteligência. Ela quer ser e representa a satisfação de um anseio geral. Ela traduz os impulsos de uma que não malbarata seus afetos. Ela atende aos mais íntimos anelos de um coração, mesmo à sombra de monumento cinzelado em mármore de Carrara, que a saudade sempre atormentou e que não admitia, nem de longe, repousar para sempre em solo estranho.

Meus Senhores: A vontade de Gustavo Barroso está satisfeita. Seus restos mortais descansam na Terra do Sol. Curvemo-nos reverentes ante êsses despojos ilustres, dagora por diante entregues pela Preefitura de Fortaleza à veneração, ao carinho e aos cuidados de todo o povo, destacando, por outro lado, essa iniciativa do Instituto do Ceará, sentinela indormida do respeito às nossas esplêndidas tradições, do culto aos nossos valôres cívicos e morais e de veneração àqueles que souberam honrar e glorificar a Terra da Luz...

("Unitário", de 1-1-1966.)

PROF. JOAQUIM DA COSTA NOGUEIRA (*)

JOÃO HIPÓLITO CAMPOS DE OLLIVEIRA

A palestra de hoje proporciona-me o ensejo de discorrer sôbre uma data que toca de cheio ao meu coração e fala de perto aos sentimentos do professorado cearense. Foi nela que nasceu, há precisamente um século, aquêle que viria a ser o maior educador do Ceará de todos os tempos, ora patrono de vários estabelecimentos do Estado. Refiro-me ao professor Joaquim da Costa Nogueira, nascido na vila de Aquirás, a 28 de dezembro de 1866, e filho do major Joaquim da Costa Nogueira e de Mariana de Freitas Nogueira. O Dicionário do Barão de Studart registra que o nosso homenageado prestou os

(*) Palestra realizada no Instituto do Ceará a 20 de dezembro de 1966.

exames de primeiras letras na escola pública de Pacatuba, foi aluno do Instituto de Humanidades em Fortaleza, dirigido pelos padres Bruno Figueiredo e Ari Saldanha; concluiu os preparatórios no Liceu do Ceará e cursou os dois primeiros anos da Faculdade de Direito do Recife.

Tendo voltado ao Ceará em 1889, por motivo do falecimento de seu genitor, aqui exerceu as seguintes funções: almoxarife dos Gêneros do Govêrno naquele ano; desenhista da Comissão de Açudes em Quixadá de 1890 a 1896, quando foi extinto o lugar; tabelião em Baturité de 1898 a 1904, a cujo ofício renunciou, sendo sua renúncia aceita em 1905.

Nessas cidades do interior cearense dirigiu os Colégios São Luís Gonzaga e Ginásio Baturiteense, onde desabrocharam as primícias de seu talento de educador, que se firmariam depois, definitivamente, na direção do Instituto de Humanidades e do Colégio Nogueira e na cátedra de Desenho do Liceu do Ceará, em Fortaleza.

Os estabelecimentos de que foi diretor em nossa capital, durante 30 anos, funcionaram na Rua Sena Madureira, na Rua Barão do Rio Branco, na Praça Fernandes Vieira, na Rua 24 de Maio e na Rua General Sampaio, nesta em dois locais. No edifício que é atualmente sede do SENAI, freqüentei o Colégio Nogueira, fazendo aí todo o meu curso primário, dos 6 aos 11 anos de idade, e fui seu auxiliar de ensino nos dois últimos anos de sua existência. Data daí o meu convívio com o professor Nogueira e o meu conhecimento com Paulo Sarasate e Plácido Castelo, que se tornaram governadores do Estado e então membros do seu corpo docente, de que faziam parte também Djacir Menezes, Perboyre e Silva, Clodoveu Cavalcante.

O professor Nogueira — um mestre-escola, como êle modestamente se considerava — foi um autêntico educador e um pioneiro no campo da educação em nosso Estado, senão no País.

Autor de vários livros didáticos, entre os quais se destacaram o "Ano Escolar" e o "Baralho Aritmético", o professor Nogueira adotava processos especiais de ensino no seu estabelecimento.

Aprendizagem de português, além dos sistemas rotineiros de leitura, interpretação e análise, se fazia de um modo prático: procura, no dicionário, pelos próprios alunos, das palavras que êles desconheciam; escrita, no quadro negro, dos vocábulos mais difíceis; redação de telegramas em papel oficial, etc.

Na Aritmética, havia o baralho, em cujas cartas, começadas pelo número correspondente, os professôres formulavam as mais variadas perguntas, as quais deviam ser respondidas com a maior rapidez possível. Adquiri presteza de cálculos mentais graças ao "Baralho Aritmético", de que, infelizmente, não possuo mais nenhum exemplar, mas que posso reconstituir:

1

Carta 1

1 o quadrado
1 mais o número seguinte da mesma terminação
12 o complemento
88 o quociente dos algarismos
1 o número primo seguinte
2 vêzes os dois números seguintes
24 o maior múltiplo de 7 nêle contido
21 o número ímpar múltiplo inferior
15 o quíntuplo
75 a diferença dos algarismos

2

Carta 2

2 o número primo seguinte
3 mais o número seguinte da mesma terminação
16 o número múltiplo inferior
15 o resto da divisão por 4
3 mais os dois números seguintes
12 2/3 dêsse número
8 vêzes o número seguinte
72 a duodécima parte
6 mais a metade
9 a raiz quadrada

3

Carta 3

3 o número primo seguinte
5 vêzes o número ímpar seguinte
35 o resto da divisão por 3
2 o quadrado
4 mais o número seguinte da mesma terminação
18 2/3 dêsse número
12 vêzes o número inferior
132 a soma dos algarismos
6 vêzes o número par seguinte
48 a duodécima parte

4

Carta 4

4 o quadrado seguinte
9 o número ímpar múltiplo seguinte
15 o complemento
85 a diferença dos algarismos
3 o quadrado
9 vêzes o número ímpar inferior
63 o quociente dos algarismos
2 mais o número seguinte da mesma terminação
14 o número múltiplo seguinte
15 a têrça parte

Em Geografia, eram exibidas, para reconhecimento, pelos alunos, as cartas dos Estados do Brasil, de alguns países do mundo, dos continentes. O professor Nogueira nos chamava a atenção para o formato típico de várias das unidades do Brasil: o Maranhão parecia-se com um bacalhau; o Piauí com uma meia; o Rio Grande do Sul com um balão e o Ceará com uma sela, mas que êle, manifestando o seu amor ao nosso Estado, dizia ser o de um coração. Depois, indagava a capital, as cidades principais, os acidentes geográficos mais importantes, que eram devidamente localizados pelos alunos. Dava à Geografia o seu verdadeiro sentido — o sentido localizante — que é pôsto à margem, injustificável e incompreensìvelmente, por alguns professôres.

O estudo de História, não obstante processar-se pela leitura da respectiva seção que abria o Ano Escolar, deixava muito a desejar, a meu ver, sob certos aspectos, pelo caráter decorativo de que se revestia. É verdade que, mesmo nos dias atuais, alguns professôres continuam ainda a dar ênfase quase exclusiva à parte cronológica, como se a História não fôsse a mestra da vida e contivesse apenas datas e fatos a serem decorados... Não posso negar, porém, o ponto alto do ensino dessa disciplina, que era a comemoração das datas festivas de nossa História e o culto dos seus grandes homens.

Para tôdas as matérias, havia interessante questionário, partindo do mais simples quantitativamente para o mais complexo, e de que me permitia mostrar a técnica utilizada pelo professor Nogueira.

No número 2, êle perguntava "Quais os círculos que cortam o Brasil?" a que o aluno respondia: "Equador e Trópico de Capricórnio", seguindo-se as perguntas em ordem numérica até 10, para não sobrecarregar a memória.

Os erros eram assinalados com um traço na lousa e anunciados pelo inesquecível mestre com uma expressão de sua gíria escolar: "pau nêle!", sendo as notas dadas de acôrdo com o número dêles e proporcionalmente às rodadas, assim chamadas as séries de perguntas dirigidas a tôda a classe.

Espírito inventivo, o provecto educador criou, no seu estabelecimento, uma organização creditícia, a que deu, posteriormente, o nome de Banco Escolar José Nogueira, em homenagem a seu filho, assassinado a 28 de outubro de 1914, em Fortaleza.

Ao pagar a mensalidade, o aluno ganhava certo número de moedas escolares, denominadas chapas, quando de papel, e medalhas, quando metálicas, as quais variavam de conformidade com a época do pagamento das mensalidades. Se êste se efetuava até o dia 10 do mês, o aluno tinha direito a 150 chapas; se do dia 11 até o dia 20, 100 chapas; se do dia 21 até o dia 30, 50 chapas; se o fazia com atraso, nada recebia. Era um meio, bastante inteligente, a que êle recorria, para forçar os pais a solverem em dia seus compromissos com a tesouraria do estabelecimento. Recebendo o máximo de moedas por mês — 150 chapas — o aluno só as movimentaria com folga se tirasse boas notas diàriamente. O professor Nogueira planejou de tal forma o dinheiro escolar em circulação no seu estabelecimento que o mau aluno cedo entraria em colapso financeiro. Bastava, para isso, que êle tirasse notas inferiores a 4 todos os dias, pois êle teria de restituir, diàriamente, ao Banco, cujo gerente na classe era o professor, tantas chapas quantas faltassem para completar 10. Assim, pagando 6 chapas por dia, dentro dos 25 dias, que integra em média o mês, já que havia aulas aos sábados, êle iria para o chamado batalhão de Antônio Matias. No último dia da semana, realizavam-se as célebres sabatinas, quando os alunos pagavam aos colegas pelos quinaus que êles lhes davam. Com êsse expediente engenhoso, o professor evitava a cola, visto como, mais alto que os sopros, falava o retinir das medalhas. Devendo aos colegas e ao professor, os alunos teriam sua saída retardada, num atardamento proporcional ao seu débito com o Banco.

O nosso consócio governador Plácido Castelo, que foi professor do Colégio Nogueira e redator da "Revista Escolar", evocou recentemente, numa página emotiva, sua convivência com o notável educador. Salientou que o professor Nogueira era amigo das analogias, tendo narrado fatos que guardou, carinhosamente, de sua passagem

pelos corpos docente do Colégio Nogueira e redatorial da "Revista Escolar". Cito uma dessas comparações, que se me afigura das mais impressivas e expressivas, da facêta da personalidade do saudoso mestre. Êle perguntava, por exemplo, em que, quanto à escrita, a de Sergipe se apresentava diferente da dos demais Estados. Se a indagação primava pelo *suspense*, à maneira das questões-problemas de hoje, o resultado proporcionava não menor surprêsa: é Sergipe o único Estado do Brasil em cuja grafia não se usa a letra *a*.

Outra característica do espírito do professor Nogueira residia no fino anagramista que êle era. Tomava os nomes das pessoas em evidência no momento e, invertendo suas letras, formava outros, que às vêzes lhes assentavam muito bem. Com Getúlio Vargas, fêz "egoísta vulgar"; com Osvaldo Aranha, "salvando a hora"; com Juarez Távora, "jura, reza, vota"; com José Américo, "o mísero jeca". O mais burilado de seus anagramas foi, inegàvelmente, o telegrama que dirigiu ao almirante Protógenes Guimarães, então ministro da Marinha, ao ser anunciada, pelos jornais, a notícia da extinção da Escola de Aprendizes Marinheiros do Ceará. Servindo-se apenas das letras do nome do titular daquela Pasta, seu despacho foi muito simples: "Urg. Protegei nossa E.A.M."

O traço marcante, a linha definidora, da vida de Joaquim da Costa Nogueira foi sua carreira de professor, em que se revelou um pioneiro dos métodos modernos de educação. Numa época em que predominava o sistema verbalístico de exposição, o professor já usava um "método intuitivo e prático", como êle denominava seu processo de ensino.

Adotava como legenda "ensinar não muito, mas ensinar bem", a cuja conclusão, com a recomendação de que se devia "ensinar pouco, mas ensinar bem" chegou recentemente um Congresso Internacional de Educação. Note-se que o lema atual de uma equipe de professôres de prestígio universal foi menos feliz do que a de um simples mestre-escola do Ceará do comêço do século. Porque a expressão "ensinar não muito, mas ensinar bem" parece-me de maior felicidade do que "ensinar pouco, mas ensinar bem".

Se a dificuldade da fama, como escreveu Benjamin R. Maydon, em Table Talk, consiste primeiramente em ganhar boa reputação, depois de consertá-la pelo resto da existência e, por fim, em preservá-la depois da morte — "The great difficulty is first to win a reputation; the next to keep it while you live, and the next to preserve it after you die", o professor Nogueira, a cuja memória o Instituto do Ceará presta hoje merecida homenagem, foi três vêzes famoso: o primeiro, porque gozava de bom conceito; segundo, porque o manteve enquanto viveu, e, terceiro, porque o conservou gloriosamente após sua morte, ocorrida em 21 de julho de 1935.

GENERAL ANTÔNIO DE SAMPAIO

FERNANDES TAVORA

Procurando definir o caráter e o destino humano, Townel Baston proclamou: "Quanto mais vivo, tanto mais profundamente me convenço de que o que faz a diferença entre um homem e outro homem, entre o fraco e o poderoso, entre o inteligente e o insignificante é a energia, uma determinação invencível, uma decisão tomada e mantida até a vitória ou a morte."

A veracidade plena dêsse conceito magistral, encontro-a na pessoa do autêntico sertanejo cuja vida tento esboçar neste momento em que a nação brasileira se ergue, pressurosa e comovida, para prestar justa homenagem a êsse seu digno e bravo filho.

Nasceu Antônio de Sampaio a 24 de maio de 1810, no longínquo povoado de Tamboril, onde viveu sua infância e primeira parte de sua mocidade. E, notável coincidência, que bem pode orçar por um destino: exatamente no mesmo dia em que 56 anos depois, seria mortalmente ferido na batalha em que morreria pela Pátria, coberto de glórias!

Êste, como numerosos outros acontecimentos, me levam a crer que cada um de nós, ao nascer, recebe, se já não traz implícito, o seu destino.

Rapaz esperto e folgazão, Sampaio divertia-se com os seus companheiros, nas convidativas serenatas que constituíam o melhor passatempo noturno dos jovens sertanejos de antanho. Enamorou-se da filha de um rico fazendeiro que, só por ser êle um môço pobre, opôs-se tenazmente ao casamento, chegando a ameaçá-lo de morte. Para evitar semelhante eventualidade, Sampaio rumou à Capital da Província, no firme propósito de ingressar no Exército e, propósito ainda mais decidido, de, pelo seu próprio esfôrço, galgar altos postos da hierarquia militar. A 17 de junho de 1830, era soldado; e oportunidades não lhe faltaram para realizar aquilo que se tornaria o seu irremovível sonho de todos os instantes.

Passava, então, o Brasil por uma fase de agitações e inseguranças; e ao Exército cabia, então, como sempre, zelar pela paz e a integridade nacional. A Revolta da Cabanagem e a Balaiada no Pará e Maranhão, a Revolução pernambucana, as agitações de 1831, os movimentos de São Paulo e Minas, a Independência da Cisplatina, a Campanha da Banda Oriental, a Guerra dos Farrapos, a luta contra Rosas e as campanhas do Uruguai e Paraguai, não deixaram sossêgo ao nosso Exército, sobretudo na última parcela do século XIX.

Pelejando em tôda parte, com sua natural intrepidez, Sampaio galgou todos os primeiros postos da hierarquia militar. A 2 de setembro de 1839, era alferes; a 2 de dezembro do mesmo ano, tenente; e a 11 de setembro de 1843, capitão. Daí para cima, por merecimento: a 29 de julho de 1852, era major; a 20 de dezembro le 1855, tenente-coronel; a 3 de dezembro de 1861, coronel. Os bordados de general, conquistou-os no cêrco e assalto de Paisandu, comandando a 1.ª Brigada de Infantaria da Divisão do marechal João Propício Mena Barreto. Teve a data de 18 de fevereiro de 1865 o decreto que o elevou ao pôsto de brigadeiro, por notáveis serviços prestados em campanha. Em 35 anos o nosso valente e brioso conterrâneo galgou todos os degraus que separam o general do soldado.

Diz o general Lima Figueiredo, com justiça e verdade, que "a vida do general Sampaio, nesses 35 anos de serviço, se prende à própria vida do Brasil. Onde estava o perigo, lá estava êle, firme, no seu pôsto: só no Maranhão, dirigiu 46 combates!" e acrescenta o mesmo historiador: "Quando o chefe é bom, a tropa colhe, fatalmente, os louros, porém não tem um momento de descanso — todo trabalho difícil, áspero, perigoso, é dado a ela. Assim, a divisão de Sampaio não parava; e tal era o seu desprêzo pela saraivada de metralha, que recebeu o cognome de *couraçado*."

Os 36 dias decorridos entre a ocupação do Forte Itapiru, logo após a belíssima travessia do Paraná e a sangrenta Batalha de Tuiuti, valeram anos, diz Lima Figueiredo, pela quantidade de energia despendida.

Já foi afirmado ser a vanguarda o lugar dos heróis. E Sampaio sempre nela estêve, desde o Maranhão até Tuiuti. "Sob o duro olhar do valente cearense, continua Lima Figueiredo, ninguém tinha mêdo: parecia que dos seus olhos jorravam coragem, impetuosidade, valor e um desprêzo profundo pela morte..."

Segundo Eusébio de Sousa, foram os alunos da Escola Militar do Realengo que deram um passo à frente, consagrando o vulto de Sampaio para simbolizar as qualidades másculas do Infante e para patrono do Batalhão de Infantaria dos Cadetes. Coube, porém, à turma de 1928, por inspiração do então 1.º tenente Humberto de Alencar Castello Branco, a idéia, mais tarde amparada pelos seus colegas de 1930, de fazer de Sampaio, não o patrono da Infantaria de uma única unidade, mas de tôda a arma de Infantaria do Exército Brasileiro.

Para se avaliar o papel desempenhado por Sampaio na Batalha de Tuiuti, basta lembrar o terrível plano traçado pelo Estado-Maior paraguaio, para esmagar o exército aliado: enquanto Barrios e Marco se encarregariam de envolver as nossas alas direita e esquerda, Diaz, considerado o melhor general de Lopez, atiraria, de surprêsa, e violentamente, contra o centro aliado, os cinco mil cavalei-

ros de Resquim, amparados por cêrca de 6 000 infantes, no decidido propósito de partir ao meio o nosso exército, o que significaria a derrota dos aliados.

Efetivando o seu plano, às 11 horas de 24 de maio de 66, Diaz fêz surgir da mata a sua cavalaria, em louca disparada, sôbre o centro aliado; mas, em vez da fuga esperada, os bravos soldados de Sampaio não cederam um palmo de terreno; e as ondas sucessivas da cavalaria paraguaia vinham quebrar-se na rocha viva da "Divisão Couraçada". Ao mesmo tempo, a artilharia de Mallet, resguardada por um largo e profundo fôsso, cobria de obuses o campo adverso e concorria, bravamente, para quebrar a fúria inimiga.

A resistência e coragem quase sôbre-humanas de Sampaio evitaram a ruptura do centro aliado e, conseqüentemente, nossa derrota fatal. Enquanto mordiam denodadamente o pó os bravos nordestinos, o exército aliado teve o tempo necessário para desenvolver-se e engajar-se em tôda a extensão da planície.

Osório sabia que, na resistência daqueles dois bravos generais, estava a vitória; e enviou a Sampaio um dos seus ajudantes de ordens, o alferes Francisco Correia de Melo, com a ordem de resistir *à outrance*, sem desfalecimentos, nutrindo, cada vez mais, a fuzilaria. O ajudante teve que levar essa ordem à linha de fogo, onde o bravo cearense se confundia com a soldadesca, coberto de sangue. Ao receber a ordem, Sampaio respondeu, com altivez e dignidade: "Diga ao general que estou cumprindo o meu dever; mas, como já recebi dois ferimentos e estou perdendo muito sangue, seria conveniente que me mandasse substituir."

Na ocasião em que o alferes pedia licença para retirar-se, o general recebeu um terceiro ferimento. Imperturbàvelmente, levou a mão ao local da ferida, enquanto dizia ao ajudante de Osório: "Diga ao general que êste é o terceiro." E, às 4 horas da tarde, o inimigo retira se, deixando o campo juncado de cadáveres. Do lado brasileiro, 2 686 homens foram postos fora de combate; e, dêstes, 1 033 pertenciam à "Divisão Couraçada"!

Sampaio foi transportado do campo de batalha, sorrindo "como a agradecer a Deus a graça que lhe concedera no dia do seu aniversário: três ferimentos e a glória de haver salvo o exército inteiro"!

A 8 de junho de 1866, quando era levado para Buenos Aires, a bordo do Eponina, quis o destino que morresse longe da pátria e dos seus; e um dos que sôbre êle escreveram lembrou que, se algum dos que lhe assistiram os últimos momentos, houvesse aproximado o ouvido da sua bôca, teria ouvido o moribundo balbuciar: "Camaradas! mais uma carga!"

Cumpre lembrar haver sido o bravo general cearense quem, primeiramente, à frente de seus soldados, pisou o solo paraguaio. Pelos seus serviços de campanha, conquistou Sampaio as seguintes conde-

corações: Oficialato da Ordem da Rosa, por serviços prestados no Maranhão; medalhas das campanhas do Uruguai e Buenos Aires; Cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz; Oficial da Ordem do Cruzeiro; Comendador da Ordem da Rosa, por serviços prestados na província do Rio Grande do Sul.

Sampaio tomou parte saliente na conquista de Paisandu, como, em seguida, na capitulação de Montevidéu. Criticado pelo general José Bernardino Borman, por haver atacado aquela primeira cidade em ordem cerrada, submetendo seus soldados à maior violência do fogo inimigo, dessa crítica foi plenamente defendido pelo general Cunha Matos, que assegura ter sido aquêle êrro de Resquin, que entendera tomar a cidade atirando contra ela sua brigada em ordem cerrada e a peito descoberto.

Sampaio, no dizer de Cunha Matos, "conduziu suas tropas com verdadeira mestria na peleja, e sua brigada saiu com perdas relativamente pequenas em relação à intensidade da luta, o que lhe valeu os bordados de general, 6 dias depois da vitória".

Penso haver naquela resposta de Sampaio a Osório, no campo de batalha, matéria de significação bem mais alta que a de uma simples comunicação militar. O mais leve exame psicológico daquelas admiráveis palavras nos leva a meditar sôbre a concepção do heroísmo e da vida entre os diversos povos. Estas considerações me foram sugeridas pela lembrança de uns belos contos sôbre a guerra russo-japonêsa, da autoria de Felício Terra, pseudônimo do meu ilustre e saudoso mestre, professor Nuno de Andrade. Li-os, há muitos anos; e êles, agora, me volveram à tona da memória, ante as palavras heróicas do general cearense. Há, incontestàvelmente, entre o oriente e o ocidente, diferenças de mentalidade, que filosofias e religiões antagônicas tornaram irredutíveis.

O modo de encarar a vida é um ponto básico de tais divergências. Para nós, ocidentais, a vida é uma dádiva da divindade; e dela não podemos dispor, senão visando aos altos fins para os quais nos foi concedida ou delegada. Ela visa a finalidades muito acima de tudo quanto nos possa oferecer o mísero torrão em que pisamos. Pensam os ocidentais que a vida não é sòmente sua, mas, sobretudo, daquele que a outorgou às suas criaturas, acompanhada dos seus sábios e eternos mandamentos. Por isso, não a podemos aviltar ou menosprezar, sob qualquer pretexto.

Para os orientais, porém, a vida tem outro sentido. A um budista, por exemplo, importa mais a morte do que a vida, pois a sua aspiração suprema é o Nirvana, ao qual só poderá chegar através da morte. Por isso, tão fàcilmente se desligam da vida, chegando a suicidar-se na porta dos adversários, por simples picardia!... a vida, pois, não tem o mesmo valor para nós e para os nossos antípodas.

Felício Terra nos narra, no seu estilo primoroso, êsses episódios da tomada de Pôrto Arthur:

Precisava o general Nodgi eliminar as cêrcas de arame que impediam uma rápida investida sôbre as últimas defesas da grande fortaleza russa e fêz saber que necessitava de 300 voluntários para uma expedição difícil, da qual ninguém voltaria. O exército inteiro apresentou-se. Foram aceitos apenas os solteiros, que não tivessem mãe para chorá-los. No momento da partida, um tenente de artilharia atravessou ràpidamente o espaço que o separava do General e disse: "Tenho mãe viva, mas vou." Nodgi fitou-o, impassível. Depois fechou as pálpebras por alguns instantes e respondeu: "Vai, meu filho."

A coluna que, de barriga em terra, executava a marcha dos répteis, foi descoberta por um triângulo de luz branca, com vértice no forte do oeste e os voluntários iam cortando a cêrca e morrendo.

Por fim, já perto do forte, um tenente japonês, talvez o último que restava dos 300, tirou do bôlso uma caixinha de metal, acendeu-lhe a massa com um fósforo, e projetou no espaço uma intensa luz azul brilhantíssima. Era o sinal esperado no acampamento. Na madrugada, com fúria irresistível, os japonêses tomaram de assalto o forte do oeste, depois de uma tremenda carnificina. Nodgi contemplou, então, o corpo de seu filho querido, enxugou com o dorso da mão uma lágrima furtiva e, voltando-se para os oficiais do seu estado-maior, disse pausadamente: "Não estou bom dos meus olhos; de vez em quando choro, sem saber por quê!" ,

Noutro conto — "Fogo" — Felício Terra narra a história do engarrafamento da esquadra russa do Pacífico. Reunindo no convés do navio capitânia, alguns dos marinheiros que se iam sacrificar, na temerária emprêsa, assim lhes falou o almirante-chefe da esquadra japonêsa: "Meus filhos! trato-vos assim, ouvindo a linguagem carinhosa do coração! Sabeis que não tenho filhos. Se os tivesse, oh! êles estariam convosco; e, se não pudessem estar, vos ficariam invejando, porque sois os prediletos da glória, os voluntários da honra de morrer pelo Japão. Salve! adeus, para sempre, valentes marinheiros do Micado, flôres humanas da intrepidez, nascidas no Império do Sol Nascente, na terra perfumada e alegre dos crisântemos e das cerejeiras. Que Deus vos abençoe e vos remunere! Ide para os vossos navios, ide para os vossos túmulos!"

O fogo intenso dos fortes e dos navios russos meteu logo a pique 7 dos 8 navios da esquadra suicida, ao se apresentarem na barra.

Na coberta de proa do último navio que ainda flutuava, um oficial e 5 marinheiros, sentados em tôrno de uma mesa tôsca, ouviam, imperturbáveis, a palavra de Buda, o iluminado. O oficial lia:

"O espaço é sereno e a tranqüilidade infinita. Nem frio, nem dores, no meu reino luminoso. O odor do nardo perfuma o ambiente

e a vida dos espíritos, balançados nas asas da alegria, sem travos de saudades, não terá fim nem terá cansaços... Não haverá noite, não haverá sono, mas sòmente o hálito do destino a aquecer os corações dos crentes e banhá-los na felicidade indestrutível..."

Uma onda invadiu a câmara e afundou a proa do navio na garganta do canal. Os marinheiros, um com água até à cintura, outros, até ao peito, continuavam a escutar o oficial, que virava a página lentamente: "No meu reino de paz, o próprio fogo deixa de queimar e a chama possui apenas a virtude da luz. Os que me seguem, caminham sôbre estrêlas, gozando a delícia da imortalidade."

O oficial quis prosseguir, mas não pôde. Com dificuldade, galgou o último convés; e, subindo a um dos mastros, encharcado e alucinado, gritou para o céu: "Olá, gregos! olá, romanos! vinde ver como se morre!..." Colhido por uma das torpedeiras que se aproximaram da barra, foi levado ao navio capitânia. O almirante, ajoelhado ante o seu leito, acariciou-lhe a face com as mãos e dizia-lhe palavras de confôrto aos ouvidos. Mandou vir o livro de Buda, pedindo-lhe que indicasse as páginas que lera e êle apontou-as, com o dedo trêmulo e sorrindo. Depois, voltando-se ràpidamente para Togo: "E o canal?" — "Obstruído" — respondeu êle.

O rosto do oficial iluminou-se com o clarão da beatitude e, em meio de um suspiro, exclamou: "Como sou feliz!" e morreu.

Togo dirigiu-se aos companheiros que cercavam o cadáver daquele bravo e disse, baixinho, como se temesse acordá-lo ainda com sua voz de comando: "É a primeira vez que sinto inveja!"

Aí tendes, na prosa erudita e cintilante de Nuno de Andrade, um belo esquema da mentalidade oriental. Mesmo pondo de lado as lindas fantasias com que êle enfeita os seus contos admiráveis, ficam os fatos, que nucleiam, evidentemente, a psicologia japonêsa.

Que fizeram os voluntários de Nodgi e de Togo? obedecendo ordens de seus superiores, foram morrer cortando cêrcas de arame, ou entupindo, com seus navios e seus corpos, o canal do pôrto em que se abrigava a esquadra russa. Que idéia tinham da vida êsses suicidas?

Que ela era cousa de mínima importância, ante as delícias que os aguardavam no Nirvana. E não marcharam para a morte, enganados, pois Nodgi lhes declarara que, daquela difícil emprêsa, nenhum voltaria; e Togo lhes disse adeus para sempre, mandando que se recolhessem aos seus túmulos!...

Entre nós, a pátria exige de seus filhos que a sirvam, sòmente naquilo que é possível realizar na órbita da vida. Quando a defesa nacional nos põe diante da morte, nós a aceitamos, não como a imposição de um chefe, mas como uma determinação ou julgamento da própria consciência. Do confronto dessas duas mentalidades, parece fácil concluir onde se situa a verdadeira heroicidade, que só

pode ser fruto de uma vontade esclarecida e consciente. Os suicidas do exército e da marinha japonêses morreram em cumprimento de ordens recebidas; e, quem cumpre ordens, não age por conta própria.

Sampaio, em Tuiuti, agiu na obediência exclusiva de sua vontade, numa afirmação inequívoca de sua personalidade inamolgável, até que tombou mortalmente ferido. Já com a visão da morte, não exigiu que o substituíssem, mas lembrou apenas a conveniência de ser substituído, pois estava três vêzes e gravemente ferido e perdendo muito sangue. E, ao ser retirado, quase exangue, do campo de batalha, sorria, porque tinha a plena consciência de haver cumprido, até o fim o seu dever!

Êste, sim, foi herói autêntico, porque, amando fervorosamente a sua pátria e a sua vida, sacrificou esta em holocausto àquela, no momento em que julgou necessário salvar a honra da nossa bandeira e a glória de nossas armas!

Sua bravura e seus feitos não desaparecerão sob as cinzas do olvido; e seus admiráveis exemplos de patriotismo, coragem e de civismo atravessarão, incólumes, o tempo, transformados em catecismo cívico dos que, verdadeiramente, amam e reverenciam a pátria, seus heróis e suas glórias!

Minha admiração pela coragem e heroísmo de Sampaio e outros oficiais de tôdas as armas, que honraram e honram nossas fôrças de terra, mar e ar, como os alemães, julgo haver diferença entre coragem e bravura. Os germanos, quando se cotejam com os franceses, em tal matéria, servem-se desta fase simples e significativa: "Deutsch Mutig, aber franceusich tapf". (O alemão é valente, mas o francês é bravo.)

Essa mesma classificação pode ser aplicada aos filhos do Norte e do Sul do Brasil. O homem do Norte é, via de regra, um valente, porque, lutando desde a infância contra um destino adverso, aprende a viver perigosamente e acaba por enfrentar, destemerosamente, tôdas as dificuldades e tormentas, duro, inflexível, inquebrantável, mesmo diante da morte!

O filho do Sul, sobretudo o rio-grandense, nascido em rincão ameno e farto, não tem contas a ajustar com o seu destino; e, desde a infância, se diverte e adestra em desabaladas correrias, procurando atingir os longínquos horizontes de planuras e coxilhas.

O soldado nortista morre, quase sempre, devagar; e, mesmo quando se lança numa violenta carga de baionetas, obedece a um certo ritmo — *o passo de carga*.

O soldado sulista prefere a morte rápida, no turbilhão de suas cargas épicas de cavalaria, verdadeiras tempestades humanas, nas quais não há tempo para cogitar na vida ou na morte... a infantaria do Norte é uma muralha movediça, que não se deixa transpor; a cavalaria do Sul é um furacão a que nada resiste!

Ambos, dignos da terra em que nasceram e tão lídima e belamente representados por Sampaio em Tuiuti e Mena Barreto, em Peribebuí.

A marinha chilena, no patriótico intuito de perpetrar a memória do bravo comodoro Arturo Pratt, morto, heròicamente, na batalha naval de Iquique, inclui-lhe o nome glorioso na lista de chamada diária das guarnições de suas naves. E, cada vez que é feita a evocação de seu nome, a marinhagem, em posição de continência, responde unissônamente: "Presente, na mansão dos heróis!"

Bem poderiam os infantes de tôdas as nossas guarnições militares repetir um gesto igual, em relação ao herói máximo de Tuiuti. Quando seu nome ressoasse, diàriamente, em tôdas as casernas dêsse Brasil imenso, nosso soldados, com a mão no quepe, bradariam, orgulhosos: "Presente, na memória imperecível da pátria e na gratidão dos brasileiros!"

Sampaio foi um herói integral e sua bravura, seus altos feitos militares e seus admiráveis exemplos de dignidade, de coragem e de civismo atravessarão, incólumes, o tempo, como indispensável bíblia dos que, verdadeiramente, amam a pátria e reverenciam seus heróicos filhos.

O duro sertanejo cearense, ao tombar no campo de batalha, e já vislumbrando, através da penumbra da morte, os albores da glória, poderia, com bem maior justiça e autoridade que os soldados do Micado, exclamar: "Olá, gregos! olá, romanos! homens de tôdas as filosofias e de tôdas as religiões e de tôdas as raças, vinde ver como sabe morrer pela pátria um soldado do Brasil!"

DOLOR DISSE PRESENTE À IMORTALIDADE

LUIZ CRUZ DE VASCONCELOS

A Universidade do Ceará, conforme estipula seu Estatuto, agracia "personalidades eminentes e profissionais de alto valor, outorgando-lhes diploma honorífico ou concedendo-lhes medalhas de mérito".

"Os diplomas honoríficos são os de Professor Emérito e de Doutor *Honoris Causa*", sendo concedido o primeiro — o de Professor Emérito — "por proposição justificada de qualquer unidade incorporada e aprovada por dois terços (2/3) do Conselho Universitário, a pro-

fessôres aposentados que se hajam distinguido por sua produção científica, eficiência no exercício do magistério ou relevantes serviços prestados à instituição".

No caso presente, a proposição partiu, por unanimidade, da Congregação da Faculdade de Direito e, na comunicação respectiva, sallentou seu presidente — o diretor da própria Escola — que "A proposta traduz a mais viva expressão de justiça a quem tanto se vinculou às tradições culturais desta escola jurídica e ao bom nome da terra cearense."

Do douto Conselho Universitário, a proposição mereceu, com destaque, aprovação também unânime.

, Eis, meus senhores e minhas senhoras, porque nos encontramos aqui, neste instante, perante esta Augusta Assembléia Universitária, para testemunhar e aplaudir a outorga dêsse diploma ao professor Dolor Barreira.

* * *

Disse Dolor Barreira, em discurso proferido no Instituto do Ceará, na sessão de 27 de junho de 1948, que "está escrito no "Decálogo nobreniense" que o trabalho é uma lei fundamental, não valendo o homem senão pelo que produz".

E, hoje, passados 18 anos, exatamente por isso — pelo seu trabalho, pelos seus méritos — nosso homenageado recebe seu galardão.

"Je puis bien concevoir un homme sans mains, sans pieds, sans tête" — asseverou Pascal — "mais je ne puis concevoir l'homme sans pensée", porque — concluía êle — "Pensée fait la grandeur de l'homme." E pelo pensamento, pela idéia, pela cultura venceu Dolor Barreira.

* * *

Como aluno da nossa tradicional Faculdade de Direito, conheci o mestre e conheci o homem: o mestre, como professor de Direito Civil, que sabia realmente transmitir o conhcimento aos seus alunos; o homem, bondoso e amigo, que denotava extrema sensibilidade e embargava de emoção a voz, até no trato das suas lições. Agora, como diretor da mesma Faculdade, neste momento, com alegria, mas também comovido, sou o portador da homenagem de fraternidade e carinho que lhe transmitimos, seus colegas de magistério, a Congregação da Faculdade de Direito, seu ex-companheiro de Conselho Universitário, por êsse valioso título, que lhe confere a Universidade, como prêmio ao seu merecimento.

Entre as atribuições do diretor, que é o presidente da Congregação, *ex vi* de disposição regimental consta a de "representar a Fa-

culdade em quaisquer atos públicos ou nas relações com outros ramos da administração pública, instituições acadêmicas, profissionais e científicas". É, portanto, com muita honra e satisfação que exercito esta incumbência.

Filho do Ceará, nascido em Solonópole, Dolor veio à luz a 13 de abril de 1893, sendo seus pais Alfredo Lopes Barreira e Antônia Uchoa Barreira.

Fêz seus estudos primários na terra natal e o curso secundário na Serra do Estêvão, no município de Quixadá, transferindo-se depois, daí, para o Liceu, em Fortaleza, onde, em 1909, se bacharelou em Ciências e Letras.

Ingressou, em 1910, na então Faculdade de Direito do Ceará e, cedo, revelou pendores para as letras, colaborando em periódicos da época, como "A Constelação", "A Camélia", "Phenix" e "Tertúlia". Lançando os olhos para "Phenix", revista de letras e artes, de publicação da "Phenix Caixeiral", vemos na edição de março de 1914 o jovem acadêmico de Direito abrir suas páginas com "Tudo é traição"... onde sentimos que a angústia do homem é eterna e as aspirações morais dos bons lhe são uma constante nos seus dias.

Escrevia Dolor:

"Traição... Ela chegou até nós... Entre nós cresceu, revigorou-se, expandiu-se, culminou..."

E acrescentava:

"Nenhuma época, em tôda a extensão histórica do passado, nenhuma época, por mais amesquinhada, mais decaída, mais envilecida que tenha sido, será capaz de, nesse sentido, avantajar-se à nossa, à de hoje, à do momento social que dolorosamente atravessamos..."

Para o jovem estudante tudo, na verdade, era traição... Mas, traição não fêz o destino ao futuro autor da *História da Literatura Cearense*...

Concluiu, com brilhantismo, seu Curso de Direito em 1914, quando foi laureado.

Raimundo Girão, na *História da Faculdade de Direito do Ceará*, escreve que "o padre Vieira, Castilho, Camilo, Machado de Assis e Rui Barbosa foram-lhe a grande mania". E assevera que, "como advogado, ninguém, porventura, o superou no acêrto dos arrazoados e na interpretação dos Códigos".

Sua cultura jurídica credenciou-o ao exercício de importantes funções. Exerceu o cargo de Procurador dos Feitos da Fazenda Estadual, no govêrno de Franco Rabelo; foi membro da Comissão Legislativa, na Interventoria Carneiro de Mendonça; Procurador-Geral do Estado no período de 1934 a 1937.

Em 1935 submeteu-se a concurso, para o preenchimento da 4.ª Cadeira de Direito Civil, na Faculdade de Direito, sendo aprovado

com distinção. Firmou-se cedo como civilista e um dos mais exaltados amigos e defensores da obra inolvidável de Clóvis Beviláqua. Na Faculdade, como professor, impôs-se logo, pela sua cultura e pelo seu brilhantismo e, dentro em pouco, aliando cultura, brilhantismo e bondade, era também um dos mais queridos mestres do nosso tradicional estabelecimento.

É pena que, com seus dotes, não tenha legado ao mundo jurídico uma obra sistemática, na sua especialidade. Todavia, além da tese que escreveu sôbre *Investigação da Maternidade Ilegítima*, para concorrer ao concurso, que lhe daria o título de professor catedrático, divulgou inúmeros trabalhos jurídicos, compreendendo pareceres e estudos doutrinários, como podem ser vistos na "Revista da Faculdade de Direito do Ceará", "Ceará Judiciário", "Revista Forense", "Revista de Direito Civil, Comercial e Criminal", "Revista de Crítica Judiciária" e "O Direito".

Com ansiedade, há algum tempo, aguarda-se a publicação de uma monografia, aliás já concluída, sôbre *Direito das Sucessões*.

A verdade é que Dolor Barreira, mestre de Direito, foi também das letras um mestre e em 1930 ingressava como sócio efetivo da Academia Cearense de Letras, de cuja entidade já exerceu a Presidência. Da Casa de Thomás Pompeu foi seu primeiro diretor, passando, desde 1941, a integrar o Instituto do Ceará, que lhe deferiu a honrosa e difícil incumbência de escrever a *História da Literatura Cearense*, obra gigantesca em que, de corpo e alma, se empenhou, e da qual já fêz publicar quatro grandes volumes.

Joaquim Pimenta, o grande sociólogo e publicista cearense, o imortal autor da *Enciclopédia de Cultura*, ao tecer comentários, no periódico "O Semanário", em 1959, sôbre o discurso de paraninfo que Dolor Barreira proferiu no ato de colação de grau dos bacharéis de 1958, aponta Dolor como "autêntico filósofo-jurista" e, além de "filósofo-jurista", "historiador e crítico literário".

Mas, meus senhores, permiti que vos peça um pouco mais de paciência, para concluir esta despretensiosa oração. É que desejo, agora, ressaltar, embora em rápidas e modestas pinceladas, o que nos parece de magna importância em Dolor Barreira: sua índole profundamente humana.

Laurense Sterne afirma que "uma infinidade de indícios despercebidos... desvenda a alma humana a um olhar perspicaz" e declara que "um homem... ao realizar atos tão simples quanto o de largar o chapéu, ao entrar numa sala ou o de levá-lo, ao sair, deixa escapar algo que o revela". E Dolor, em todos os gestos — como chefe de família, professor ou diretor da Faculdade, em qualquer outro setor em que se encontre, sempre se mostrou como um homem de apurada sensibilidade, extremamente humano e bom!

Nertan Macedo conta que Dolor devota "grande ternura pelos seus amigos vivos e mortos", e "chora às vêzes quando está revendo as provas da sua *História da Literatura Cearense*. "Foi o que aconteceu, por exemplo" — descobre Nertan — "quando lia as provas do capítulo dedicado ao seu companheiro de mocidade e "repúblca", Álvaro Maia, mais tarde governador e senador pelo Amazonas." Álvaro teve, nos idos de 1916, em Fortaleza, uma grande paixão secreta. A amada tocava bandolim. E o poeta escreveu algumas estrofes candentes — "Os Bandolins" — que Dolor sabe de cor até hoje. Na revisão, relendo os versos do amigo, chorou copiosamente. Teve de suspender o trabalho. E ficou repetindo a si mesmo:

"Quando tangeste o bandolim divino
que mil belezas em seu seio encerra,
pasmou o céu, estremeceu a terra,
o mundo inteiro rebentou num hino,
quando tangeste o bandolim divino!

E resplenderam delirantes vozes,
buscando o rubro seio das papoulas,
como pequenas, delicadas rôlas,
que abrem o vôo, soberbas e velozes,
soltando beijos, confundindo vozes."

É curioso observar-se, meus senhores, quanto se inflamam os homens nas labutas diárias da vida, alardeando fôrça e prestigio, esquecendo amigos, disputando honrarias, invejando o êxito do próximo, alimentando ambições e orgulho, em inquietante insatisfação, esquecidos de que é passageira a glória do mundo — *sic transit gloria mundi.*

Dolor Barreira não padeceu dessas angústias. Homem simples, venceu sem alarde. Exercia o cargo de diretor da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará e afastou-se, como disse na sua oração de despedida, "por um imperativo da Lei", por ter sido atingido pela compulsória. "Tenho que deixá-la" — acrescentou — "depois de a ter freqüentado por mais de um quarto de século, em contato com tudo que constituiu os enlevos, os entusiasmos, as alegrias e as esperanças tão caras e ao meu espírito sempre recrescente."

Mas, o que é isso, meus senhores? É a vida! E a verdadeira vida — já dizia Ortega y Gasset — "a verdadeira vida é, em suma, o ato de sentir ânsias, esperanças, angústias e temores".

Dolor Barreira viveu a vida com dignidade. E com inteligência, brilho e talento, prestou relevantes serviços à Faculdade de Direito, à Universidade, à Cultura, à comunidade brasileira. É digno, pois, dêsse diploma que a Universidade Federal do Ceará ora lhe outorga.

Lembra inexoràvelmente Vieira que "tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba" mas, segundo ainda o grande pensador, "a fama é bem imortal".

E Dolor, a seu modo, disse presente à imortalidade.

O AGRADECIMENTO DE DOLOR BARREIRA

Não sei — em verdade vos digo — como possa agradecer-vos o vosso fidalguíssimo gesto, conferindo-me o valioso título de Professor Emérito da Faculdade de Direito da Universidade do Ceará.

Com maiores veras, tornar-se-á mais dificultoso êsse agradecimento, desde que aqui se considere que o ato aqui mencionado não sofreu discrepância nem divergência, partido, como foi, da vossa unanimidade...

De qualquer maneira, aí ficam expressos, na sua indisfarçável eloqüência, o ato e seu significado, os quais figurarão nos imperecedores Anais da Faculdade, se, de fato, o merecerem, ou, usando outras palavras, se alguma coisa tiver eu feito que perante vós, e bastantemente, me acredite.

O título, eu o guardarei como relíqua preciosa.

Êle servirá, sem sombra de dúvida, por entre as agruras e os desencantos, que o destino implacàvelmente me reservou, de fonte íntima de eternas alegrias...

Autoridades presentes, meus senhores, pouco estarei apto a fazer, estou certo, de hoje em diante, em prol da conspícua instituição.

Se, porém, não tiver meios de caráter direto, com que possa contar, ou ainda com meios indiretos, trabalharei no sentido efetivo do soerguimento da Faculdade, com o que de qualquer contribuição minha possa ser impôsto ou exigido.

De resto nada regatearei ou pouparei que seja hábil a servir aos seus mais dignificantes interêsses, em visar, em meu favor, a sempre desejada contraprestação.

A todos, o meu muito obrigado.